

ANEXO A

Partes **tachadas** serão ocultadas do texto a ser lido em classe.

Partes **verdes** são citadas no plano de ensino.

Domingo, 14 de junho de 1942

[...] Na sexta-feira, 12 de junho, acordei às seis horas, o que não é de espantar; afinal, era meu aniversário. Mas não me deixam levantar a essa hora; por isso, tive de controlar minha curiosidade até quinze para as sete. Quando não dava mais para esperar, fui até a sala de jantar, onde Moortje (a gata) me deu as boas-vindas, esfregando-se em minhas pernas.

Pouco depois das sete horas, fui ver papai e mamãe e, depois, fui à sala abrir meus presentes, e você foi o primeiro que vi, talvez um dos meus melhores presentes. [...] De papai e mamãe ganhei uma blusa azul, um jogo, uma garrafa de suco de uva, que, na minha cabeça, deve ter gosto parecido com o do vinho (afinal de contas, o vinho é feito de uvas), um quebra-cabeça, um pote de creme para o corpo, dinheiro e um vale para dois livros. Também ganhei outro livro [...], um prato de biscoitos caseiros (feitos por mim, claro, já que me tornei especialista em biscoitos), montes de doces e uma torta de morangos, de mamãe.

[...] Depois, Hanneli veio me pegar, e fomos para a escola. Na hora do recreio, distribuí biscoitos para os meus colegas e professores e, logo depois, estava na hora de voltar aos estudos. Só cheguei em casa às cinco horas, pois fui à ginástica com o resto da turma. (Não me deixam participar, porque meus ombros e meus quadris tendem a se deslocar.) Como era meu aniversário, pude decidir o que meus colegas jogariam, e escolhi vôlei. Depois, todos fizeram uma roda em volta de mim, dançaram e cantaram “Parabéns pra você”. Quando cheguei em casa, Sanne Ledermann já estava lá. Ilse Wagner, Hanneli Goslar e Jacqueline van Maarsen vieram comigo depois da ginástica, pois somos da mesma turma. Hanneli e Sanne eram minhas melhores amigas. As pessoas que nos viam juntas costumavam dizer: “Lá vão Anne, Hanne e Sanne.” Só fui conhecer Jacqueline van Maarsen quando comecei a estudar no Liceu Israelita, e agora ela é minha melhor amiga. Ilse é a melhor amiga de Hanneli, e Sanne é de outra escola e tem amigos lá.

[...] Hoje de manhã, fiquei na banheira pensando em como seria maravilhoso se eu tivesse um cachorro como **Rin Tin Tin**. Eu também iria chamá-lo de Rin Tin Tin e o levaria para a escola; lá, ele poderia ficar na sala do zelador ou perto dos bicicletários, quando o tempo estivesse bom.

Segunda-feira, 15 de junho de 1942

[...] Vou começar dizendo algumas coisas sobre minha escola e minha turma, a começar pelos alunos.

Betty Bloemendaal parece meio pobre, e acho que talvez ela seja. Ela mora numa rua que não é muito conhecida, no lado oeste de **Amsterdã**, e nenhuma de nós sabe onde fica. Ela se dá muito bem na escola, mas é porque estuda muito, e não porque seja inteligente. É muito quieta.

Jacqueline van Maarsen é, talvez, minha melhor amiga, mas nunca tive uma amiga de verdade. No começo, achei que Jacque seria uma, mas estava redondamente enganada.

D.Q. é uma garota muito nervosa que sempre esquece as coisas, de modo que os professores vivem passando dever de casa extra para ela, como castigo. É muito gentil, especialmente com G.Z.

E.S. fala muito e não é engraçada. Vive mexendo no cabelo da gente ou tocando em nossos botões quando pergunta alguma coisa. Dizem que ela não me suporta, mas não ligo, porque também não gosto muito dela.

[...] J.R. – eu poderia escrever um livro inteiro sobre ela. J. é uma fofqueira insuportável, sonsa, presunçosa e de duas caras, que se acha muito adulta. Ela realmente enfeitiçou Jacque, e isso é uma vergonha. J. se ofende à toa, chora pela menor coisa e, além disso tudo, é metida demais. A Srta. J. é a dona da verdade. Ela é muito rica e tem um armário repleto de vestidos maravilhosos, que são adultos demais para a sua idade. Ela se acha linda, mas não é. J. e eu não nos suportamos.

Ilse Wagner é uma garota legal, tem um jeito alegre, mas é afetada demais e consegue passar horas reclamando de alguma coisa. A Ilse gosta um bocado de mim. É muito inteligente, mas preguiçosa.

Hanneli Goslar, ou Lies, como todos a chamam na escola, é meio estranha. Costuma ser tímida – expansiva em casa, mas reservada quando está perto de outras pessoas. Conta para a mãe tudo que a gente diz a ela. Mas ela diz o que pensa, e ultimamente passei a admirá-la bastante.

[...] Há muito o que dizer sobre os garotos, ou talvez não muito, pensando melhor.

Maurice Coster é um de meus muitos admiradores, mas é uma tremenda peste.

[...] Emiel Bonewit é admirador de G.Z., mas ela nem liga. Ele é bem chato.

Rob Cohen também andou apaixonado por mim, mas não aguento mais ele. É um patetinha antipático, falso, mentiroso e manhoso que se acha simplesmente o máximo.

[...] Jacques Kocernoot senta atrás de nós, perto de C.N., e nós (G.Z. e eu) morremos de rir.

Harry Schaap é o garoto mais decente de nossa turma. Ele é legal.

Werner Joseph também é legal, mas **as mudanças que vêm acontecendo ultimamente** fizeram ele ficar quieto demais, por isso parece chato.

Sam Salomon é um daqueles caras valentões e destrambelhados, um verdadeiro palhaço. (Admirador!) [...]

Sábado, 20 de junho de 1942

Fiquei alguns dias sem escrever porque queria, antes de tudo, pensar sobre meu diário. Ter um diário é uma experiência realmente estranha para uma pessoa como eu. Não somente porque nunca escrevi nada antes, mas também porque acho que mais tarde ninguém se interessará, nem mesmo eu, pelos pensamentos de uma garota de 13 anos. Bom, não faz mal. Tenho vontade de escrever e uma necessidade ainda maior de desabafar tudo o que está preso em meu peito.

“O papel tem mais paciência do que as pessoas.” Pensei nesse ditado num daqueles dias em que me sentia meio deprimida e estava em casa, sentada, com o queixo apoiado nas mãos, chateada e inquieta, pensando se deveria ficar ou sair. No fim, fiquei onde estava, matutando. É, o papel tem mais paciência, e como não estou planejando deixar ninguém mais ler este caderno de capa dura que costumamos chamar de diário, a menos que algum dia encontre um verdadeiro amigo, isso provavelmente não vai fazer a menor diferença.

Agora voltei ao ponto que me levou a escrever um diário: não tenho um amigo. Vou ser mais clara, já que ninguém acreditará que uma garota de 13 anos seja completamente sozinha no mundo. E não sou. Tenho pais amorosos e uma irmã de 16 anos, e há umas trinta pessoas que posso considerar amigas. Tenho um monte de admiradores que não conseguem tirar os olhos de cima de mim, e que algumas vezes precisam usar um espelho de bolso, quebrado, para conseguir me ver na sala de aula. Tenho uma família, tias amorosas e uma casa boa. Não; aparentemente parece que tenho tudo, exceto um único amigo de verdade. Quando estou com amigas só penso em me divertir. Não consigo me obrigar a falar nada que não sejam bobagens do cotidiano. Parece que não conseguimos nos aproximar mais, e esse é o problema. Talvez seja minha culpa não confiarmos umas nas outras. De qualquer modo, é assim que as coisas são, e não devem mudar, o que é uma pena. Foi por isso que comecei o diário.

Para destacar em minha imaginação a imagem da amiga há muito tempo esperada, não quero anotar neste diário fatos banais do jeito que a maioria faz; quero que o diário seja minha amiga, e vou chamar esta amiga de Kitty.

[...] Meu pai, o pai mais adorável que conheço, só se casou com minha mãe quando tinha 36 anos, e ela, 25. Minha irmã Margot nasceu em **Frankfurt am Main**, na **Alemanha**, em **1926**. Eu nasci em 12 de junho de **1929**. Morei em **Frankfurt** até completar 4 anos. Como éramos **judeus**, meu pai emigrou para a **Holanda** em **1933**, quando se tornou diretor administrativo da **Dutch Opekta Company**, que fabrica produtos para fazer geleia. Minha mãe, Edith, juntou-se a ele na **Holanda** em setembro, enquanto Margot e eu fomos mandadas a **Aachen**, para ficarmos com nossa avó. Margot foi para a **Holanda** em dezembro, e eu, em fevereiro, quando me puseram sobre a mesa como presente de aniversário para Margot.

[...] Levávamos uma vida cheia de ansiedade, pois nossos parentes na **Alemanha** estavam sofrendo com as leis **de Hitler** contra os **judeus**. Depois dos **pogroms** de **1938**, meus dois tios (irmãos de minha mãe) fugiram da **Alemanha**, refugiando-se na América do Norte. Minha avó idosa veio morar conosco. Na época estava com 73 anos.

Depois de maio de **1940**, os bons momentos foram poucos e muito espaçados: primeiro veio a guerra, depois, a capitulação, em seguida, a chegada dos **alemães**, e foi então que começaram os sofrimentos dos **judeus**. Nossa liberdade foi gravemente restringida com uma série de decretos **antissemitas**: os **judeus** deveriam usar uma **estrela amarela**; [...] eram proibidos de andar nos bondes; [...] eram proibidos de andar de carro, mesmo em seus próprios carros; [...] deveriam fazer suas compras entre três e cinco horas da tarde; [...] só deveriam frequentar barbearias e salões de beleza de proprietários **judeus**; [...] eram proibidos de sair às ruas entre oito da noite e seis da manhã; [...] eram proibidos de frequentar teatros, cinemas ou ter qualquer outra forma de diversão; [...] eram proibidos de ir a piscinas, quadras de tênis, campos de hóquei ou a qualquer outro campo esportivo; [...] eram proibidos de ficar em seus jardins ou nos de amigos depois das oito da noite; [...] eram proibidos de visitar casas de cristãos; [...] deveriam frequentar escolas **judias** etc. Você não podia fazer isso nem aquilo, mas a vida continuava. Jacque sempre me dizia: “Eu não ousou fazer mais nada, porque tenho medo de ser algo proibido.”

No verão de **1941**, vovó ficou doente e precisou ser operada; por isso, meu aniversário passou quase sem ser celebrado. No verão de **1940**, também não tivemos muita coisa em meu aniversário, já que as lutas mal haviam terminado na **Holanda**. Vovó morreu em janeiro de **1942**. Ninguém imagina quanto eu ainda penso nela e a amo. Essa festa de aniversário em **1942** deveria compensar as anteriores, e a vela de vovó foi acesa junto das outras. Nós quatro ainda estamos bem, e isso me traz à data atual de 20 de junho de **1942**, e à inauguração solene de meu diário.

ANEXO B

Sábado, 20 de junho de 1942

Querida Kitty!

Quero começar logo; está tão agradável e silencioso. Papai e mamãe saíram, e Margot foi jogar pingue-pongue com uns amigos na casa de sua amiga Trees. [...] Ilse Wagner tem uma mesa de pingue-pongue, e o casal Wagner deixa a gente jogar em sua grande sala de jantar sempre que queremos. Como nós cinco gostamos de sorvete, ainda mais no verão, e como sente-se calor jogando pingue-pongue, nossos jogos costumam terminar com uma visita à sorveteria mais próxima **que aceita judeus**: a Oasis ou a Delphi. Há muito tempo paramos de ficar catando nossas bolsas ou algum dinheiro – na maioria das vezes a Oasis está tão cheia que sempre conseguimos encontrar uns rapazes generosos do nosso círculo de amizade ou um admirador para oferecer mais sorvete do que seríamos capazes de comer em uma semana.

Você provavelmente está um pouquinho surpresa por me ouvir falar de admiradores com tão pouca idade. Infelizmente, ou não, esse vício é geral em nossa escola. Assim que um garoto pergunta se pode me acompanhar de bicicleta até em casa e começamos a conversar, nove vezes em cada dez posso ter certeza de que ele vai se apaixonar no ato e não vai se afastar de mim por um segundo.

Seu ardor acaba esfriando, especialmente porque ignoro seus olhares apaixonados e pedalo alegremente no meu caminho. Se a situação se complica a ponto de começarem a falar em pedir a permissão de papai, balanço de leve na bicicleta, a pasta da escola cai e o rapaz sente necessidade de descer da sua bicicleta e me entregar a pasta, mas nessa hora já mudei de assunto. Esses são os tipos mais inocentes. Claro que existem os que mandam beijos ou tentam segurar seu braço, mas estão definitivamente batendo na porta errada. Desço da bicicleta e recuso a companhia deles ou ajo como se me sentisse insultada e digo claramente para me deixarem sozinha.

Aí está você. Agora estabelecemos as bases da nossa amizade. Até amanhã.

Domingo, 21 de junho de 1942

Querida Kitty,

Toda a nossa turma está agitadíssima. O motivo, claro, é a próxima reunião em que os professores vão decidir quem passará de ano e quem vai repetir. Metade da turma está fazendo apostas. [...] Não estou tão preocupada com relação às minhas amigas e a mim. Nós vamos passar. A única matéria de que não tenho certeza é matemática. De qualquer modo, o único jeito é esperar. No momento, cada uma fica falando para as outras não desanimarem.

Eu me dou bastante bem com os professores. [...] O Sr. Keesing, o velho turrão que dá aula de matemática, ficou furioso comigo um bom tempo porque eu falava demais. Depois de vários avisos, ele me passou dever extra para casa. Uma redação sobre o tema “Uma tagarela”. [...] Escrevi as três páginas que o Sr. Keesing tinha mandado e fiquei satisfeita. [...] O Sr. Keesing deu uma boa risada ao ler meus argumentos, mas quando desatei a falar na aula seguinte ele me mandou fazer outra redação. Dessa vez, o tema seria “Uma tagarela incorrigível”. Eu fiz, e o Sr. Keesing não teve nada a reclamar durante umas duas aulas inteiras. Mas na terceira ele se encheu:

- Anne Frank, como castigo por falar na aula, escreva uma redação sobre “Quaquaquá, tagarelou a dona pata”.

A turma morreu de rir. Eu tive de rir também, mas tinha quase esgotado meu talento sobre o tema das tagarelas. Estava na hora de arranjar outra coisa, algo original. Minha amiga Sanne, que é boa em poesia, se ofereceu para ajudar a escrever a redação em versos do início ao fim. Pulei de alegria. Keesing estava tentando fazer uma gozação comigo, passando aquele tema ridículo, mas eu ia fazer tudo para a piada se voltar contra ele.

Terminei meu poema, e ficou lindo! Era sobre uma mãe pata e um pai cisne com três patinhos que foram bicados até a morte pelo pai, porque grasnavam muito. Por sorte Keesing entendeu a piada.

Ele leu o poema na sala, fazendo seus próprios comentários, e leu também em várias outras salas. Desde então ele me deixa falar e não passou deveres extras. Pelo contrário, hoje Keesing vive contando piadas.

Quarta-feira, 24 de junho de 1942

Querida Kitty,

Faz um calor sufocante. Todo mundo anda bufando e se esfalfando, e nesse calor eu tenho de andar para todo canto. Só agora percebo como é agradável um bonde, mas **nós judeus não temos mais permissão de usar esse luxo**. [...] O único meio de transporte que podemos usar é a balsa. O balseiro Josef Israëlkade nos transportava quando a gente pedia. [...] Eu gostaria de não precisar ir à escola. Minha bicicleta foi roubada durante o feriado de Páscoa, e papai entregou a bicicleta de mamãe para uns amigos cristãos guardarem. Graças a Deus, as férias de verão se aproximam; mais uma semana e nosso tormento vai acabar.[...]

Quarta-feira, 1º de julho de 1942

[...] Em tudo o que ele diz ou faz, eu posso ver que Hello está apaixonado por mim, e, para variar, isso é ótimo. Margot diria que Hello é um cara legal. Eu também acho, mas ele é mais do que isso. Mamãe também é toda elogios: “Um rapaz de boa aparência. Bom e educado.” Fico feliz por ele ser tão popular com todo mundo. Menos com minhas amigas. Hello acha que elas são muito infantis, e está certo. Jacque ainda fica me chateando por causa dele, mas não estou apaixonada. Não mesmo. Para mim, não é problema ter garotos como amigos. Ninguém liga.

Mamãe está sempre me perguntando com quem vou me casar quando crescer, mas aposto que ela nunca vai adivinhar que é com Peter, porque eu mesma tirei essa ideia da cabeça dela, rapidamente. Amo Peter como jamais ameie alguém, e digo a mim mesma que ele só sai com todas aquelas outras garotas para esconder o que sente por mim. Talvez pense que eu e Hello estejamos apaixonados, o que não é verdade. Ele é só um amigo, ou, como diz mamãe, um galã.

Domingo, 5 de julho de 1942

[...] Ultimamente papai tem ficado muito em casa. Não há nada para ele fazer no escritório; deve ser horrível alguém sentir que não é necessário. **O Sr. Kleiman assumiu o controle da Opekta**, e o Sr. Kugler assumiu a Gies & Co, a empresa que trabalha com temperos e condimentos, fundada em 1941.

Há alguns dias, enquanto dávamos um passeio pela praça perto de casa, papai começou a falar sobre se esconder. Falou que para nós seria difícil viver sem nos relacionarmos com o resto do mundo. Perguntei por que ele tinha puxado aquele assunto.

– Bom, Anne – respondeu ele –, você sabe que há mais de um ano estamos levando roupas, comida e móveis para outras pessoas. Não queremos que nossos pertences sejam apanhados pelos alemães. E também não queremos cair nas garras deles. Por isso, vamos embora por vontade própria, sem esperar que eles nos levem.

– Mas quando, papai?

Ele parecia tão sério que fiquei apavorada.

– Não se preocupe. Nós vamos cuidar de tudo. Simplesmente curta sua vida despreocupadamente enquanto é possível.

Era isso. Ah, que essas palavras sombrias demorem o máximo de tempo possível a se tornar verdade! [...]

ANEXO C

Quarta-feira, 8 de julho de 1942

Querida Kitty,

Parece que já se passaram anos desde a manhã de domingo. Aconteceu tanta coisa, que é como se o mundo inteiro tivesse virado de cabeça para baixo. Mas, como você pode ver, Kitty, ainda estou viva, e, como diz papai, isso é o mais importante. Estou viva, sim, mas não pergunte onde nem como. Você provavelmente não está entendendo uma palavra do que estou dizendo hoje, por isso vou começar contando o que aconteceu naquela tarde de domingo.

Às três horas (Hello tinha saído, mas voltaria), a campainha tocou. Não ouvi porque estava na varanda, lendo preguiçosamente ao sol. Um pouquinho depois, Margot apareceu na porta da cozinha, parecendo muito agitada.

– Papai recebeu uma notificação da SS – sussurrou ela. – Mamãe foi ver o Sr. van Daan. (O Sr. Van Daan é amigo e sócio no trabalho.)

Fiquei pasma. Uma notificação: todo mundo sabe o que isso significa. Visões de campos de concentração e celas solitárias passaram por minha mente. Como poderíamos deixar papai ir para um destino assim?

– Claro que ele não vai – declarou Margot, enquanto esperávamos mamãe na sala de estar. – Mamãe foi procurar o Sr. van Daan, para perguntar se podemos ir amanhã para o esconderijo. A família van Daan vai conosco. Vamos ser sete no total.

Silêncio. Não conseguíamos falar. O pensamento estava em papai, que visitava alguém no Hospital Israelita e não fazia a menor ideia do que estava acontecendo, a longa espera por mamãe, o calor, o suspense – tudo isso nos reduziu ao silêncio.

[...] Toda vez que a campainha tocava, Margot ou eu tínhamos de ir pé ante pé até lá embaixo, para ver se era papai, e não deixávamos mais ninguém entrar. Margot e eu tivemos de sair da sala, porque o Sr. van Daan queria conversar a sós com mamãe.

Enquanto ela e eu estávamos sentadas no quarto, Margot falou que a notificação não era para papai, e, sim, para ela. Com esse segundo choque, comecei a chorar. Margot tem 16 anos – parece que eles querem mandar as garotas da idade dela para longe, sozinhas. Mas graças a Deus ela não vai; mamãe mesma tinha dito, e devia ser isso que papai quis dizer quando falou em irmos nos esconder.

Esconder... onde nos esconderíamos? Na cidade? No campo? Numa casa? Numa cabana? Quando, onde, como...? Eram perguntas que eu não podia fazer, mas que ficaram girando em meu pensamento.

Margot e eu começamos a pôr nossos pertences mais importantes numa pasta da escola. A primeira coisa que agarrei foi este diário e, depois, rolinhos de cabelos, lenços, livros da escola, um pente e algumas cartas antigas. Preocupada com a ideia de ir para um esconderijo, juntei as coisas mais malucas na pasta, mas não me arrependo. Para mim, as lembranças são mais importantes do que os vestidos.

Papai finalmente chegou em casa por volta das cinco horas, e ligamos para o Sr. Kleiman, a fim de saber se poderíamos ir naquela noite. O Sr. van Daan saiu e foi pegar Miep. Miep chegou e prometeu voltar mais tarde naquela noite, levando consigo uma bolsa cheia de sapatos, vestidos, paletós, roupas de baixo e meias. Depois disso nosso apartamento ficou em silêncio; ninguém sentia vontade de comer. Ainda estava quente, e tudo parecia muito estranho.

[...] Miep e Jan Gies chegaram às onze. Miep, que trabalhava na empresa de papai desde 1933, tornou-se uma amiga íntima, e também o seu marido Jan. Mais uma vez, sapatos, meias, livros e roupas de baixo desapareceram na bolsa de Miep e nos bolsos da roupa de Jan. Às onze e meia, eles também desapareceram.

Eu estava exausta e, mesmo sabendo que seria a última noite em minha cama, dormi imediatamente e só acordei quando mamãe me chamou às cinco e meia da manhã seguinte. Felizmente não estava tão quente quanto no domingo; uma chuva morna caiu durante o dia inteiro. Nós quatro vestimos tantas camadas de roupas que até parecia que passaríamos a noite numa

geladeira, mas a ideia era levar mais roupas. Nenhum judeu em nossa situação ousaria sair de casa com uma mala cheia. Eu estava usando duas camisetas, três calcinhas, um vestido e, por cima disso tudo, uma saia, um paletó, uma capa de chuva, dois pares de meias, sapatos pesados, um chapéu, um cachecol e muito mais. Estava sufocando mesmo antes de sairmos de casa, mas ninguém se incomodou em perguntar se eu estava bem.

[...] Às sete e meia nós também fechamos a porta; Moortje, minha gata, foi a única criatura viva de quem me despedi. Segundo um bilhete que deixamos [...], ela deveria ser levada para os vizinhos, que lhe dariam um bom lar.

As camas desarrumadas, as coisas do café da manhã sobre a mesa, a carne para a gata na cozinha – todas essas coisas davam a impressão de que havíamos saído apressadamente. Mas não estávamos interessados em causar impressão. Só queríamos sair de lá, fugir e chegar em segurança ao nosso destino. Nada mais importava.

Amanhã tem mais.

Quinta-feira, 9 de julho de 1942

Querida Kitty,

E lá estávamos, papai, mamãe e eu, andando debaixo da chuva torrencial, cada qual com uma pasta de escola e uma bolsa de compras cheia até a borda com as coisas mais variadas. As pessoas a caminho do trabalho, naquela hora da manhã, nos dirigiam olhares simpáticos; dava para ver pelos rostos que eles lamentavam não poder oferecer algum tipo de transporte; a estrela amarela falava por si.

Só quando estávamos andando na rua papai e mamãe revelaram, aos poucos, qual era o plano. Ao longo de meses, nós vínhamos tirando o máximo possível de móveis e aparelhos domésticos do apartamento. Havíamos concordado que iríamos para o esconderijo no dia 16 de julho. Por causa da convocação de Margot, o plano tivera de ser antecipado em dez dias, e isso significava que teríamos de nos adaptar a aposentos menos organizados.

O esconderijo ficava no prédio do escritório de papai. Para as pessoas de fora, é meio difícil de entender, por isso vou explicar. Papai não tinha muita gente trabalhando no escritório, só o Sr. Kugler, o Sr. Kleiman, Miep e uma datilógrafa de 23 anos que se chamava Bep Voskuijl, e todos estavam informados de nossa ida. O Sr. Voskuijl, pai de Bep, trabalha no armazém com dois assistentes, e nenhum deles ficou sabendo de nada.

[Apresentação do Anexo Secreto].

Sábado, 11 de julho de 1942

Querida Kitty,

[...] Sem dúvida você quer saber o que acho de estar escondida. Bom, só posso dizer que ainda não sei direito. Acho que nunca me sentirei à vontade nesta casa, mas isso não significa que eu a odeie. É como estar de férias em alguma pensão estranha. É um modo meio diferente de encarar a vida num esconderijo, mas é assim que as coisas são. O Anexo é um lugar ideal para se esconder. Pode ser úmido e torto, mas provavelmente não há esconderijo mais confortável em Amsterdã. Nem em toda a Holanda.

[...] Não importa o que façamos, temos muito medo de que os vizinhos possam nos ver ou ouvir. Desde o primeiro dia, começamos imediatamente a costurar cortinas. Na verdade, mal dá para chamá-las de cortinas, já que não passam de retalhos de pano – variando grandemente em forma, qualidade e padrão – que papai e eu costuramos de qualquer jeito, com dedos desacostumados. Aquelas obras de arte foram colocadas nas janelas, onde vão ficar até que possamos sair do esconderijo.

O prédio à nossa direita é uma filial da Companhia Keg, uma empresa de Zaandam, e à esquerda fica uma fábrica de móveis. Embora as pessoas que trabalham lá não permaneçam à noite, qualquer som que a gente faça pode atravessar as paredes. Proibimos Margot de tossir à noite, apesar de seu forte resfriado, e estamos lhe dando grandes doses de codeína.

Estou ansiosa pela chegada dos van Daan, marcada para a terça-feira. Vai ser muito mais divertido, e também o lugar não vai ficar tão silencioso. [...] Na verdade, não é tão ruim, pois podemos cozinhar e ouvir o rádio no escritório de papai. [...] Também temos um suprimento de material de leitura, e vamos comprar um monte de jogos. Claro que não podemos olhar pela janela nem sair. E temos de ficar quietos para que as pessoas lá embaixo não nos ouçam.

Comentário acrescentado por Anne em 28 de setembro de 1942:

Não poder sair me deixa mais chateada do que posso dizer, e me sinto aterrorizada com a possibilidade de nosso esconderijo ser descoberto e sermos mortos a tiros. Esta, claro, é uma perspectiva muito desalentadora.

ANEXO D

Sexta-feira, 9 de outubro de 1942

Querida Kitty,

Hoje, só tenho notícias tristes e deprimentes. Nossos muitos amigos e conhecidos judeus estão sendo levados aos montes. A Gestapo está tratando todos eles muito mal e transportando-os em vagões de gado para Westerbork, o grande campo em Drenthe, para onde estão mandando todos os judeus. Miep falou de alguém que conseguiu escapar de lá. Deve ser terrível em Westerbork. As pessoas não têm praticamente nada para comer e menos ainda para beber, já que só existe água uma hora por dia, e há somente um banheiro e uma pia para vários milhares de pessoas. Homens e mulheres dormem no mesmo cômodo, e as mulheres e as crianças costumam ter as cabeças raspadas. Fugir é quase impossível; muitas pessoas têm aparência de judias, e são marcadas pelas cabeças raspadas.

Se está tão ruim na Holanda, como estará nos lugares distantes e pouco civilizados para onde os alemães os estão mandando? Acreditamos que a maioria está sendo assassinada. A rádio inglesa diz que eles estão sendo mortos por gás. Talvez seja o modo mais rápido de morrer.

Estou me sentindo péssima. Os relatos que Miep faz sobre esses horrores são muito angustiantes, e Miep também está muito atormentada. Outro dia, por exemplo, uns guardas da Gestapo largaram uma velha judia aleijada na porta de Miep, enquanto saíam para procurar um carro. A velha estava aterrorizada com os faróis antiaéreos e os canhões atirando nos aviões ingleses lá em cima. Mas Miep não teve coragem de levá-la para dentro. Os alemães são bem generosos quando se trata de punição.

Bep também anda muito quieta. Seu namorado está sendo mandado para a Alemanha. Todas as vezes que os aviões passam lá em cima, ela tem medo de que eles soltem toda a carga de bombas na cabeça de Bertus. Piadas como “Não se preocupe, não podem cair todas sobre ele”, ou “Basta apenas uma bomba”, não cabem nessa situação. Bertus não é o único que está sendo forçado a trabalhar na Alemanha. Trens carregados de jovens partem todos os dias. Alguns tentam fugir quando o trem para numa estação pequena, mas somente uns poucos conseguem escapar sem serem percebidos e encontrar um esconderijo.

[...] Excelentes espécimes da humanidade, esses alemães, e pensar que na verdade sou um deles! Não, isso não é verdade, Hitler retirou nossa nacionalidade há muito tempo. E, além disso, não há maiores inimigos na terra do que alemães e judeus.

Terça-feira, 18 de maio de 1943

Querida Kit,

Há pouco tempo, testemunhei uma briga feia entre pilotos alemães e ingleses. Infelizmente, dois aviadores aliados tiveram de pular do avião em chamas. Nosso leiteiro, que mora em Halfweg, viu quatro canadenses sentados na beira da estrada, e um deles falava holandês fluente. Ele perguntou se o leiteiro tinha fogo para o cigarro, e depois contou que a tripulação consistia em seis homens. O piloto morrera queimado, e o quinto membro da tripulação tinha se escondido em algum lugar. A Polícia de Segurança Alemã veio pegar os quatro que restavam, e nenhum deles estava ferido. Depois de pular de paraquedas de um avião em chamas, como é que alguém pode ter essa presença de espírito?

Apesar de fazer calor, temos de acender a lareira de vez em quando para queimar as cascas de legumes e o lixo. Não podemos jogar nada em latas de lixo, porque os empregados do armazém poderiam ver. Um pequeno descuido e estamos fritos!

Todos os estudantes universitários precisam assinar uma declaração oficial dizendo que “simpatizam com os alemães e aprovam a Nova Ordem”. Oitenta por cento deles decidiram obedecer à consciência, mas a penalidade será severa. Qualquer estudante que se recuse a assinar será

mandado a um campo de trabalho alemão. O que acontecerá com a juventude do país, se todos forem fazer serviço braçal na Alemanha? [...]

Sábado, 22 de janeiro de 1944

Querida Kitty,

Você pode me dizer por que as pessoas se esforçam tanto para esconder seu eu verdadeiro? Ou por que sempre me comporto de modo muito diferente, quando estou perto dos outros? Por que as pessoas confiam tão pouco umas nas outras? Sei que deve haver um motivo, mas às vezes acho horrível não poder confiar em ninguém, nem mesmo nas pessoas mais próximas.

Parece que cresci desde a noite em que tive aquele sonho, como se tivesse ficado mais independente. Você ficará espantada quando eu contar que mudei até minha atitude com relação aos van Daan. Parei de ver todas as discussões e brigas segundo o ponto de vista de minha família. Por que houve essa mudança radical? Bom, você vê, de repente percebi que, se mamãe fosse diferente, se fosse uma mãe de verdade, nosso relacionamento seria muito, muito diferente. A Sra. van Daan não é uma pessoa maravilhosa, de jeito nenhum, mas metade das discussões não haveria se mamãe não fosse tão difícil de lidar sempre que o assunto fica complicado. Mas a Sra. van Daan tem uma coisa boa: dá para falar com ela. Ela pode ser egoísta, avarenta e metida a esperta, mas recua facilmente se você não provocá-la e não fizer com que pareça irracional. Essa tática não funciona sempre, mas dá para ficar experimentando e ver até onde se pode chegar.

Todos os conflitos sobre a nossa criação, sobre não mimar crianças, sobre a comida – sobre tudo, absolutamente tudo – poderiam ter tomado um rumo diferente se fôssemos abertos e gentis, em vez de olhar sempre o lado pior.

Sei exatamente o que você vai dizer, Kitty. “Mas, Anne, essas palavras estão realmente saindo dos seus lábios? De você, que teve de enfrentar tantas palavras grosseiras do pessoal lá de cima? De você, que tem consciência de todas as injustiças?”

E, no entanto, elas estão saindo de mim. Quero ver as coisas com olhos novos e formar minha opinião, não somente copiar meus pais, como no provérbio “A maçã não cai longe da árvore”. Quero reexaminar os van Daan e decidir por mim mesma o que é verdade e o que é um exagero. Se eu terminar decepcionada com eles, sempre posso tomar o lado de papai e mamãe. Mas se isso não acontecer, posso tentar mudar a atitude deles. E, se não der certo, terei de ficar com minhas opiniões e meus julgamentos. Vou aproveitar toda oportunidade de falar abertamente com a Sra. van Daan sobre nossas muitas diferenças e não ter medo – apesar de minha reputação de sabichona – de apresentar minha opinião imparcial. Não vou dizer nada negativo sobre minha família, mas isso não significa que não vou defendê-la se alguém fizer isso, e a partir de hoje minhas fofocas são coisa do passado.

Até agora eu estava absolutamente convencida de que os van Daan eram os únicos culpados das brigas, mas agora tenho certeza de que a culpa também foi nossa. Tínhamos razão, mas pessoas inteligentes (como nós!) deveriam ter uma ideia melhor de como lidar com os outros. [...]

ANEXO E

Quinta-feira, 2 de março de 1944

Querida Kitty,

Margot e eu estávamos juntas no sótão hoje. Não consigo gostar tanto de ficar lá com ela quanto imagino que gostaria de ficar com Peter (ou outra pessoa). Sei que, com relação à maior parte das coisas, ela sente o mesmo que eu!

Enquanto lavava os pratos, Bep começou a falar com mamãe e a Sra. van Daan sobre como está desanimada. E que ajuda aquelas duas lhe ofereceram? Minha mãe, especialmente, com sua falta de tato característica, só fez piorar as coisas. Sabe qual foi o seu conselho? Que ela deveria pensar nas outras pessoas que sofrem no mundo! Como é que pensar no sofrimento de outras pessoas pode ajudar se você está se sentindo péssima? Eu disse isso. A resposta delas, claro, foi que eu não deveria me meter nesse tipo de conversa.

Os adultos são tão idiotas! Como se Peter, Margot, Bep e eu não tivéssemos os mesmos sentimentos. A única coisa que ajuda é um amor de mãe, daquela amiga muito, muito íntima. Mas essas duas mães não entendem nada sobre nós! Talvez a Sra. van Daan entenda um pouquinho mais do que mamãe. Ah, eu gostaria de ter dito alguma coisa à coitada da Bep, alguma coisa que sei, por experiência, que teria ajudado. Mas papai se intrometeu, me empurrando para o lado. São todos tão imbecis!

Também falei com Margot sobre papai e mamãe, sobre como seria bom se eles não fossem tão irritantes. Poderíamos organizar noites em que cada um se revezaria discutindo determinado assunto. Mas já passamos por tudo isso. Para mim, é impossível falar aqui! O Sr. van Daan parte para a ofensiva, mamãe fica sarcástica e não consegue dizer nada em voz normal, papai não sente vontade de participar, nem o Sr. Dussel, e a Sra. van Daan é atacada com tanta frequência que só fica sentada com o rosto vermelho, praticamente incapaz de continuar brigando. E quanto a nós? Não deixam que tenhamos opinião! Minha nossa, como são modernos! Nem ter uma opinião! As pessoas podem mandar você calar a boca, mas não podem lhe impedir de ter uma opinião. Não se pode proibir ninguém de ter opinião, não importa se a pessoa é muito jovem! A única coisa que ajudaria a Bep, Margot, Peter e a mim seria um grande amor e dedicação, coisa que não recebemos. E ninguém, especialmente os sábios idiotas daqui, é capaz de nos compreender, pois somos mais sensíveis e temos pensamentos muito mais avançados do que eles suspeitam! [...]

Quarta-feira, 3 de maio de 1944

Querida Kitty,

Primeiro as notícias da semana! Estamos tirando férias da política. Não há nada, e quero dizer absolutamente nada, para relatar. Também estou gradualmente começando a acreditar que a invasão acontecerá. Afinal, eles não podem deixar que os russos façam todo o trabalho sujo; na verdade, os russos também não estão fazendo nada no momento.

[...] Como, sem dúvida, você pode imaginar, nós costumamos perguntar, em desespero: “Qual é o sentido da guerra? Por que, por que as pessoas não podem viver juntas em paz? Por que toda essa destruição?”

A pergunta é compreensível, mas até agora ninguém encontrou uma resposta satisfatória. Por que a Inglaterra fabrica aviões e bombas maiores e melhores e, ao mesmo tempo, constrói casas novas? Por que se gastam milhões com a guerra a cada dia, enquanto não existe um centavo para a ciência médica, para os artistas e para os pobres? Por que as pessoas têm de passar fome, quando montanhas de comida apodrecem em outras partes do mundo? Ah, por que as pessoas são tão malucas?

Não acredito que a guerra seja apenas obra de políticos e capitalistas. Ah, não, o homem comum é igualmente culpado; caso contrário, os povos e as nações teriam se rebelado há muito tempo! Há uma necessidade destrutiva nas pessoas, a necessidade de demonstrar fúria, de assassinar e matar. E até que toda a humanidade, sem exceção, passe por uma metamorfose, as guerras

continuarão a ser declaradas, e tudo o que foi cuidadosamente construído, cultivado e criado será cortado e destruído, só para começar outra vez!

Eu costumo me sentir mal, mas nunca me desespero. Vejo nossa vida no esconderijo como uma aventura interessante, cheia de perigo e romance, e cada privação é algo divertido a acrescentar no diário. Decidi levar uma vida diferente da de outras garotas, e não me tornar mais tarde uma dona de casa comum. O que estou vivenciando aqui é um bom início para uma vida interessante, e este é o motivo – o único – para eu rir do lado engraçado dos momentos perigosos.

Sou jovem e tenho muitas qualidades ocultas; sou jovem, forte e vivo uma grande aventura; estou no meio dela e não posso passar o dia inteiro reclamando porque é impossível me divertir! Sou abençoada com tantas coisas: felicidade, alegria e força. A cada dia me sinto amadurecendo, sinto a libertação se aproximar, sinto a beleza da natureza e a bondade das pessoas ao redor. A cada dia penso em como essa aventura é fascinante e divertida! Com tudo isso, por que deveria me desesperar?

15 de julho de 1944

Querida Kitty,

Recebemos da biblioteca um livro com o título polêmico: O que você acha da jovem moderna? Gostaria de tratar desse assunto hoje.

A escritora critica a “juventude atual” da cabeça aos pés, ainda que não condene todos como “casos sem esperança”. Pelo contrário, ela acredita que os jovens têm o poder de construir um mundo maior, melhor e mais belo, mas que se ocupam com coisas superficiais, sem pensar na beleza verdadeira. Em algumas passagens, tive a sensação de que ela dirigia sua crítica a mim, e é por isso que finalmente quero desnudar minha alma para você e me defender dessa agressão.

Tenho uma característica notável que pode ser óbvia para qualquer pessoa que conviva comigo há algum tempo: eu me conheço bastante. Em tudo o que faço, posso me ver como se fosse uma estranha. Posso me afastar da Anne de todos os dias e, sem preconceitos ou sem me desculpar, ver o que ela está fazendo, tanto as coisas boas quanto as ruins. Essa autoconsciência nunca me abandona, e, sempre que abro a boca, penso: “Você deveria ter dito isso de um modo diferente”, ou “Está ótimo assim”. Eu me condeno de tantas maneiras que estou começando a perceber a verdade no ditado de papai: “Todo filho tem de se criar.” Os pais só podem aconselhar os filhos ou apontar a direção certa. Em última análise, a própria pessoa forma seu caráter. Além disso, enfrento a vida com uma reserva extraordinária de coragem. Sinto-me forte e capaz de suportar fardos, jovem e livre! Quando percebi isso pela primeira vez, fiquei satisfeita, porque significa que posso enfrentar com mais facilidade os golpes da vida.

Mas já falei muito sobre esse tipo de coisa. Agora gostaria de passar ao capítulo “Papai e mamãe não me entendem”. Meus pais sempre me mimaram demais, me trataram com gentileza, me defenderam dos van Daan e fizeram o máximo que os pais podem fazer. E mesmo assim, na maior parte do tempo, me senti extremamente sozinha, abandonada, ignorada e mal compreendida. Papai fazia todo o possível para curvar meu espírito rebelde, mas não adiantava. Eu me curei observando meu comportamento e olhando o que fiz de errado.

Por que será que papai não apoiou minha luta? Por que falhou quando tentou me oferecer auxílio? A resposta é: ele usou os métodos errados. Ele sempre falou comigo como se eu fosse uma criança passando por uma fase difícil. Parece maluquice, já que papai é a única pessoa que me deu um sentimento de confiança e fez com que eu me sentisse como uma pessoa sensível. Mas deixou de enxergar uma coisa: não consegui ver que essa luta para triunfar sobre minhas dificuldades era mais importante para mim do que qualquer outra coisa. Eu não queria ouvir falar de “problemas típicos da adolescência”, de “outras garotas”, ou de “você vai superar isso”. Não queria ser tratada como todas as-outras-garotas, mas como Anne-com-seus-méritos-próprios, e Pim não entendeu isso. Além do mais, não consigo confiar em alguém que não me conte muita coisa sobre si próprio, e como sei muito pouco sobre ele, não consigo me sentir mais íntima. Pim sempre age como um pai idoso que já teve os mesmos impulsos passageiros, que não consegue mais se relacionar comigo como se

fosse um amigo, apesar de tentar muito. Por isso, nunca contei a ninguém minha visão da vida ou minhas teorias longamente pensadas, a não ser ao meu diário e, de vez em quando, a Margot. Escondi de papai tudo o que tivesse a ver comigo, nunca compartilhei meus ideais com ele, me afastei deliberadamente.

[...] “Bem no fundo, os jovens são mais solitários do que os adultos.” Li isso em algum livro, e ficou na minha mente. Pelo que posso dizer, é verdade. Então, se você está se perguntando se ficar aqui é mais difícil para os adultos do que para os jovens, a resposta é não, com certeza. Os mais velhos têm uma opinião formada sobre tudo, são seguros de si e de seus atos. Para nós, jovens, é duas vezes mais difícil sustentar nossas opiniões numa época em que os ideais são estilhaçados e destruídos, quando o pior lado da natureza humana predomina, quando todo mundo duvida da verdade, da justiça e de Deus.

[...] Somos muito jovens para enfrentar esses problemas, mas eles vivem nos afligindo até que, finalmente, somos forçados a imaginar uma solução, embora na maior parte das vezes nossas soluções desmoronem diante dos fatos. Numa época assim fica tudo difícil; ideais, sonhos e esperanças crescem em nós, e depois são esmagados pela dura realidade. É incrível que eu não tenha abandonado todos os meus ideais, já que parecem tão absurdos e pouco práticos. Mas me agarro a eles porque ainda acredito, a despeito de tudo, que no fundo as pessoas são boas.

Para mim, é praticamente impossível construir a vida sobre um alicerce de caos, sofrimento e morte. Vejo o mundo ser transformado aos poucos numa selva, ouço o trovão que se aproxima e que, um dia, irá nos destruir também, sinto o sofrimento de milhões. E, mesmo assim, quando olho para o céu, sinto de algum modo que tudo mudará para melhor, que a crueldade também terminará, que a paz e a tranquilidade voltarão. Enquanto isso, devo me agarrar aos meus ideais. Talvez chegue o dia em que eu possa realizá-los!

O último texto no diário é de 1º de agosto de 1944. Na manhã de 4 de agosto de 1944, as oito pessoas escondidas no Anexo foram presas. Otto Frank foi o único dos oito a sobreviver aos campos de concentração.

Margot e Anne Frank foram transportadas de Auschwitz no fim de outubro e levadas para Bergen Belsen, campo de concentração perto de Hannover (Alemanha). A epidemia de tifo que irrompeu no inverno de 1944-1945, em consequência das péssimas condições de higiene, matou milhares de prisioneiros, incluindo Margot e, uns dias depois, Anne. Ela deve ter morrido no fim de fevereiro ou início de março. O campo foi libertado em 12 de abril de 1945.